



CONFERÊNCIA

# Microsoft quer aumentar a concentração

Microsoft aposta em investigação tecnológica que pretende aumentar a concentração no trabalho.

“**N**ão sei se esta geração da comunicação constante, dos ‘emails’ nos telemóveis e das SMS, vai conseguir desligar esse ruído quando chegar ao mercado de trabalho, se vai conseguir concentrar-se automaticamente nas tarefas que tem pela frente ou se vai ter de ser ensinados”. Quem fala assim é Mary Czerwinski, directora de investigação da Microsoft Research, uma das convidadas especiais da última edição da Interact 2011, conferência internacional que este ano teve lugar em Portugal, na Fundação Calouste Gulbenkian.

É no sentido de tentar resolver este conflito entre a velocidade da comunicação moderna e a necessidade de parar para pensar que a investigadora tem orientado a sua pesquisa. “O meu foco é criar tecnologias que ajudem cada um a concentrar-se no seu trabalho, que, em momentos de



Mary Czerwinski é directora de investigação da Microsoft Research.

maior importância, só nos façam chegar os ‘emails’ e a informação que verdadeiramente interessam. Acho que, se conseguirmos aperfeiçoar essas tecnologias, os cérebros das pessoas vão voltar ao seu modo de funcionamento normal”, acredita Mary Czerwinski.

A conferência tem lugar desde 1984 e realiza-se numa base bianual, com a próxima conferência terá lugar em 2013 em Cape Town. A edição deste ano concentrou-se em tentar compreender como o cérebro funciona, especificamente no que respeita à sua relação com as máquinas.

“Estamos ainda muito longe de compreender como o nosso cérebro funciona. Algumas funções cognitivas superiores como as emoções e a memória ainda são mal entendidas, bem como as partes funcionais do nosso cérebro que são responsáveis por elas”, explica Joaquim Jorge, do Instituto Superior Técnico, responsável pela organização do evento. “Embora os computadores sejam capazes de feitos incríveis muito para lá das habilidades humanas, as aptidões que fazem parte da nossa vida diária estão ainda muito para além dos melhores computadores que somos capazes de construir”, salienta o docente. ■ Pedro Quedas

PUB